

**ENSINO DE HISTÓRIA, HQ E CANGAÇO: USOS E
POSSIBILIDADES EM SALA DE AULA DA HQ *LAMPIÃO EM
QUADRINHOS*, DE RUBEN WANDERLEY FILHO**

Cícero Soares Varela
URCA/PROFHISTÓRIA
cs.varela77@gmail.com

RESUMO

As Histórias em Quadrinhos podem ser objetos de pesquisas pensados a partir das novas abordagens historiográficas, e assim, documento histórico, e como ferramenta didática para o ensino de História. Em face disso, este artigo objetiva apresentar as possibilidades e a potencialidade didática oferecidas pela HQ *Lampião em quadrinhos* (1997), de Wanderley Filho, para aprendizagem do conhecimento histórico, além de oferecer uma breve análise do Cangaço como fenômeno social. Para tanto, apresentaremos as abordagens metodológicas das HQs e como essas são inseridas na narrativa gráfica *Lampião em quadrinhos*. Para efeito de argumentação, propomos um diálogo com algumas reflexões desenvolvidas pelo historiador inglês Eric Hobsbawm, advindas de seu esforço em compreender o fenômeno do Banditismo Social.

Palavras-chave: História em Quadrinhos; Banditismo Social; Cangaço; Lampião.

INTRODUÇÃO

No âmbito das novas abordagens historiográficas e das metodologias aplicadas ao ensino de História, especialmente aquelas voltadas à linguagem e comunicação, consideramos relevante o papel evidenciado pelas Histórias em Quadrinhos nos estudos de temáticas históricas e problemáticas sociais. Na prática, as HQs podem ser objetos de pesquisas pensadas a partir das abordagens historiográficas, e assim, documento histórico, e como ferramenta didática para o ensino de História.

Concomitante às novas abordagens, a demanda constante para aperfeiçoar as estratégias de uso de documento histórico em sala de aula em seus diversos contextos possibilita, sem dúvida, a compreensão das singularidades e multiplicidades do conhecimento histórico. Como indica Schmidt e Cainelli (2004), o uso de documento histórico no processo ensino-aprendizagem “é indispensável como fundamento do

método de ensino, principalmente porque permite o diálogo do aluno com as realidades passadas e desenvolve o sentido da análise histórica”.

Assim, ao entendermos as Histórias em Quadrinhos como documento histórico, temos nítida compreensão de que a narrativa gráfica emprega uma sequência de imagens para se estruturar enquanto narrativa acerca de uma determinada temática. Em nosso caso, HQ *Lampião em quadrinhos*, de Ruben Wanderley Filho, ao fazer uso de representações e situações vividas dentro do contexto social do sertão nordestino durante o fenômeno do cangaço, possibilita a análise histórica nas aulas de História.

Como indica Schmidt e Cainelli (2004), esse contato direto com o documento histórico/ferramenta didático, “permite o diálogo do aluno com as realidades passadas e desenvolve o sentido de análise histórica”. As autoras ainda afirmam que

O contato com as fontes históricas facilita a familiarização do aluno com formas de representação das realidades do passado e do presente, habituando-o a associar o conceito histórico à análise que o origina e fortalecendo sua capacidade de raciocinar baseada em uma situação dada. (SCHMIDT; CAINELLI, 2004:94)

É fundamental, no uso de documentos históricos tanto na pesquisa quanto no ensino, lembrar que o trabalho com Histórias em Quadrinhos implica procedimentos relacionados à crítica documental. Exige, portanto, analisar as relações entre HQ e História, narrativa gráfica e narrativa histórica, arte sequencial⁴² e temática histórica. Dessa forma, para o uso de HQs em sala de aula, é imprescindível compreender os processos de produção, circulação, interesses e vinculações.

Conforme aponta Waldomiro Vergueiro (2014), a aproximação das HQs das práticas pedagógicas revela as suas potencialidades didáticas como meios para transmissão de conhecimento histórico. Segundo o autor,

A percepção de que as histórias em quadrinhos podiam ser utilizadas de forma eficiente para a transmissão de conhecimentos específicos, ou seja, desempenhando uma função utilitária e não apenas de entretenimento, já era corrente no meio “quadrinhístico” desde muito antes de seu “descobrimento” pelos estudiosos da comunicação. As primeiras revistas em quadrinhos de caráter educacional publicadas nos Estados Unidos, tais como *True Comics*, *Real Life Comics* e *Real Facto Comics*, editadas durante a década de 1940, traziam antologias de histórias em quadrinhos sobre personagens famosos da história, figuras literárias e eventos históricos. (RAMA; VERGUEIRO, 2014, p. 17)

⁴² Will Eisner (1985) estabelece a técnica e a estrutura dos quadrinhos como arte sequencial, onde o arranjo de imagens e palavras narra uma estória e dramatiza uma ideia.

Essa capacidade pedagógica foi percebida por Entidades governamentais, como o Departamento de defesa dos Estados Unidos⁴³, pelo governo de Mao Tse-Tung, com campanhas educativas e propaganda ideológica. Esse caso é descrito por Waldomiro Vergueiro (2014)

A percepção dos benefícios pedagógicos dos quadrinhos não ficou restrita apenas a autores e editores. Nos anos 50, na China comunista, o governo de Mao Tse-Tung utilizou fartamente a linguagem das histórias em quadrinhos em campanhas “educativas”, utilizando-se do mesmo modelo de retratar “vidas exemplares” explorado pelas revistas religiosas, mas enfocando representantes da nova sociedade que se pretendia estabelecer no país. As histórias podiam enfocar, por exemplo, a vida de um soldado que, a caminho de seu quartel, ao encontrar uma pobre velhinha sem forças para caminhar, desviava-se de seu caminho e a levava às costas até sua casa, passando a imagem de “solidariedade” que o governo chinês pretendia vender à população. (RAMA; VERGUEIRO, 2014, p.18)

Observadas as possibilidades, a utilização das Histórias em Quadrinhos na aula de História deverá estar relacionada à abordagens específicas e aos objetivos de ensino. Waldomiro Vergueiro (2014) também destaca este aspecto ao mostrar que as HQs

tanto podem ser utilizadas para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação. (RAMA; VERGUEIRO, 2014, p. 26)

Com base nas perspectivas levantadas, o trabalho docente com Histórias em Quadrinhos oferece possibilidades pedagógicas e didáticas consideráveis para o desenvolvimento da aprendizagem e da compreensão histórica. O desenvolvimento da compreensão da narrativa histórica mediante a narrativa gráfica e a aquisição de habilidades na assimilação de noções e conceitos próprios da História, embora sob a perspectiva da didática, certamente constituem fundamentos importantes no processo de ensino-aprendizagem de História.

Em vista disso, a utilização de HQs em atividades de sala de aula, como suporte da memória social e da produção cultural, configura em uma apropriação de eventos históricos, relações sociais e personagens históricos para explicar o passado. Dessa

⁴³ Durante a Segunda Guerra Mundial, como a colaboração de Will Eisner, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos utilizou os quadrinhos na elaboração de manuais para o treinamento de tropas.

forma, a narrativa gráfica e arte sequencial expressam frequentemente os campos do imaginário, das representações e dos aspectos políticos e sociais de uma dada sociedade.

A história do Cangaço encontra-se, assim, marcada pela existência de narrativas, imagens e representações que pretendem explicar ou esclarecer cenas e personagens do sertão nordestino, durante o fenômeno do cangaço. Porém, a compreensão destes elementos através da HQ *Lampião em quadrinhos* e sua finalidade didática exige uma análise crítica e uma reflexão pedagógica. É imperativo, portanto, perceber os aspectos fundamentais das metodologias de ensino de História e aproximar ensino e pesquisa.

Entre diversas temáticas e representações apresentadas na HQ *Lampião em quadrinhos*, a figura do cangaceiro e o cotidiano sertanejo problematizam eventos históricos e os conflitos sociais e políticos do período. Dado o contexto e o espaço em que estão inseridos, as tramas, intrigas, alianças, a HQ *Lampião em quadrinhos* constrói significados e sentidos interligando imagens e textos. Esse processo de construção é um elemento importante na produção da narrativa gráfica. E, sem dúvida, fomenta problematização deste suporte como fonte e documento em sala de aula.

Dessa maneira, com a intenção de promover uma educação significativa, o contato dos alunos com a HQ *Lampião em quadrinhos* e os contextos históricos, apresentado no livro didático, proporcionam a construção do conhecimento histórico e a compreensão da conjuntura social e política. Um exemplo dessa dinâmica é a presença da Coluna Prestes no sertão nordestino. Materializada na História em Quadrinhos, o episódio articula os fatos históricos que, quando levados à sala de aula, problematiza a narrativa histórico.

De fato, o episódio citado foi retratado com intencionalidade e propósito de, por intermédio de uma narrativa gráfica, exibir determinado acontecimento da história do Brasil e certo entendimento do autor sobre o fato. Como expresso anteriormente, são necessários questionamentos sobre a produção e função da HQ no momento em que ela foi elaborada. Somente assim, *Lampião em quadrinhos* apresentará suas particularidades como fonte histórica e ferramenta didática.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS: ABORDAGENS METODOLÓGICAS

As novas abordagens metodológicas que têm as Histórias em quadrinhos como objeto e instrumento de ensino vêm sendo discutidas por diversos pesquisadores, dentre eles Wiil Eisner, Waldomiro Vergueiro, Ângela Rama e Túlio Vilela. Em seu texto *Os*

quadrinhos na aula de História, Túlio Vilela (VILELA IN: RAMA; VERGUEIRO, 2014) elabora uma relevante reflexão acerca do uso dos quadrinhos por parte dos professores e almeja fundamentar a utilização das HQs na aula de História.

Para o autor mencionado, Histórias em Quadrinhos “podem ser utilizadas para ilustrar a época em são ambientadas”, como também “podem ser lidas como registro da época em foram criadas” e ainda “como rico ponto de partida para discutir temas, conceitos e aspectos importantes” tais como dominação-resistência e a desigualdade social. Assim, o historiador/docente deve estar atento às possibilidades que a HQ *Lampião em quadrinhos* proporciona, visto que deve ser evitado usá-la como mera ilustração de conclusão de assunto. O trabalho com esta fonte implica, de fato, fomentar e indicar novos questionamentos e novas problemáticas sobre o conhecimento da História.

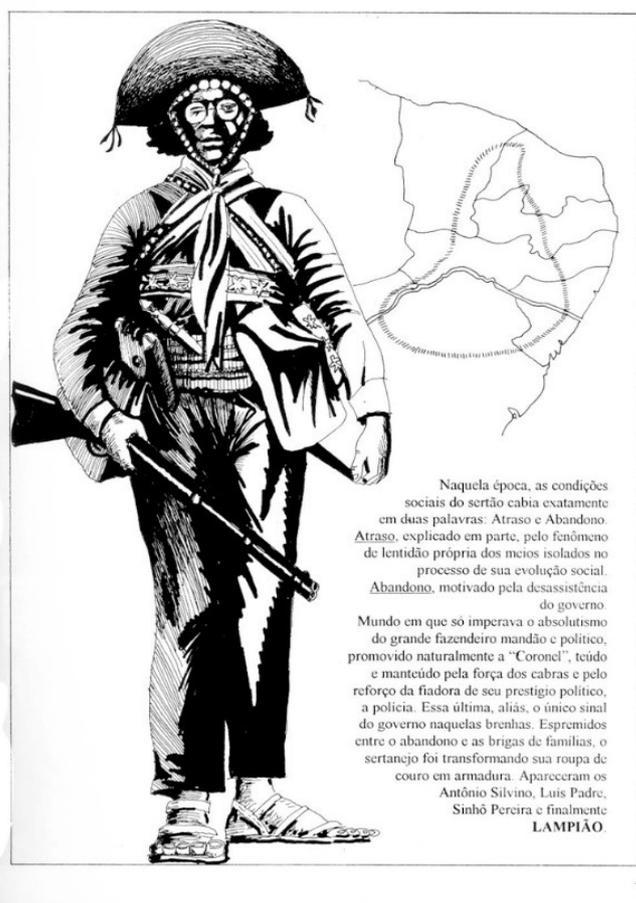


Figura 1 - Lampião e o sertão / Rubem Wanderley

Além dos argumentos até agora apresentados, uma questão relevante é a compreensão de Wanderley Filho sobre o cangaço. Não apenas seu significado imagético, mas sua concepção histórica, alinhamento ou não, a produção historiográfica e o trabalho com fontes históricas. É, principalmente, a partir das suas intencionalidades, e muitas vezes presentes nos não dito, que seus anseios e projetos se manifesta ao pesquisador. Nesse sentido, analisar a narrativa gráfica e as especificidades do universo de Wanderley Filho torna-se um eixo

para compreender sua obra.

Publicado em 1997 com o apoio da Lei de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura⁴⁴ e patrocinado pela Cipesa Engenharia S.A.⁴⁵, *Lampião em quadrinhos* é um trabalho de pesquisa de campo. Na sequência dos quadros, identificamos imagens que representam o Rio São Francisco, a residência da Baronesa de Água Branca – AL, a estação ferroviária de Mossoró e a igreja de São Vicente em Mossoró, ambos no Rio Grande do Norte.

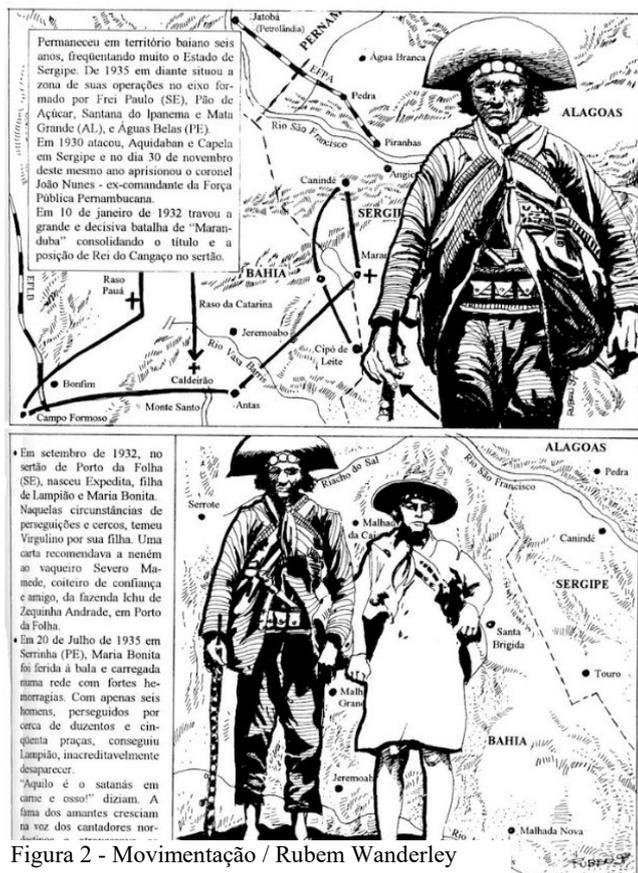


Figura 2 - Movimentação / Rubem Wanderley

93

o processo de construção de *Lampião em quadrinhos* a partir da relação entre a estética e a intenção do autor, a narrativa gráfica e os fatos históricos selecionados. Tal exercício, aponta para aspectos precisos do contexto e para as temáticas abordadas e evidenciam sentimentos, pensamentos e emoções. Wanderley (1997) explica o recorte histórico

Enfoquei fatos que considero primordiais na vida do bandoleiro. Sua infância, as causas e co-causas que o levaram a tornar-se cangaceiro, a batalha do “Poço Branco”, que foi seu batismo de fogo e início de seu domínio por todo o sertão, o assalto a “Baronesa de Água Branca”, seu

⁴⁴ Uma abordagem possível é analisar a HQ *Lampião em quadrinhos* a partir do edital do Ministério da Cultura. O que não será feito neste trabalho.

⁴⁵ Empresa de construção em Maceió, Alagoas. Atualmente faz parte do grupo Gafisa S.A., formam Joint-Venture para atuar em Alagoas.

encontro com o Padre Cícero em Juazeiro e sua promoção a capitão; a famosa batalha de “Serra Grande” em Pernambuco, o frustrado (sic) ataque à cidade de Mossoró, seu encontro com Maria Bonita, na Bahia e finalmente, o trágico combate de Angicos, em Sergipe. (FILHO, 1997)

Dessa maneira, para estudar a HQ *Lampião em quadrinhos* é necessário reunir informações a respeito do autor e pensar sua produção a partir do contexto e dos elementos socioculturais e políticos presentes na narrativa gráfica, quanto no momento da elaboração. Relacionar estas informações, envolvidas de significações, proporciona lastro para a compreensão e análise da história em quadrinhos. Vilela (2014) ressalta essa importância ao propor alguns procedimentos de leitura.

Quem é(são) o(s) autor(es)?

Sempre que possível, o ideal é reunir informações a respeito dos autores. Se quisermos, por exemplo, analisar uma história em quadrinhos do Capitão América, super-herói, criado durante a Segunda Guerra Mundial, antes da entrada (declarada) dos Estados Unidos no conflito, é importante levarmos em conta o fato de que seu criador, o desenhista Jack Kirby (1917-1994), pseudônimo de Jacob Kurtzberg, era um norte-americano de ascendência judaica. Assim, tinha fortes razões pessoais para criar um herói que lutava contra o nazismo, cujo antisemitismo era notório. (VILELA, 2014, p. 113)

Nesse procedimento de leitura, o autor citado, ainda reforça a necessidade de levantar outros questionamentos, como “Quando e onde foi produzida?”, “Para quem fala?”, “A quem se destina?” e “Qual a sua finalidade?”. Essa metodologia, relacionado, também, às funções da narrativa gráfica, encontra aporte quando Vilela afirma que “ainda que inconscientemente, toda história em quadrinhos reflete valores, visões de mundo, ideologias”. E que, autor “pode tanto expressar uma posição estritamente pessoal (o chamado “trabalho de autor”)", como ainda, no caso de uma história em quadrinhos criada sob encomenda “reproduzir um discurso que reflita o posicionamento político da editora ou companhia para qual trabalha”. (VILELA, 2014, p. 113).

A considerar os procedimentos de leitura propostos por Vilela, a identificação dos elementos da arte sequencial e da temática histórica presentes na HQ *Lampião em quadrinhos*, revelará aspectos que demonstram o contexto que a história em quadrinhos foi produzida, mas, também, indicará as questões, as informações, os conceitos e problemas a respeito do tema e da narrativa gráfica. Assim, a compreensão da elaboração e a subjetividade do autor contribuirá para análise a respeito da representação do cangaço e do aspecto histórico.

Todas as abordagens teóricas e metodológicas expostas até agora, ainda que sem minúcias, dialogam no estudo e análise das Histórias em Quadrinhos no âmbito da pesquisa e do ensino. As relações entre as problemáticas e as finalidades da HQ *Lampião em quadrinhos* interligam as estruturas entorno da produção e do contexto social, tecendo uma rede de representações e significados sobre o cangaço, especificamente, e de modo geral, sobre as primeiras décadas do século XX no nordeste brasileiro.

Expor as discussões de documento histórico e, de natureza igual, de possibilidades pedagógicas e didáticas é imprescindível para as novas propostas de pesquisa, estudo e uso de tais fontes em sala de aula. Se, em primeiro momento, os discentes são impelidos a compreender todo o entorno de produção da História em Quadrinhos, e em outro, eles terminam por produzir novos entendimentos a respeito da realidade que, a princípio, eram verdades e conceitos absolutos.

Esse é o caso, por exemplo, da representação de Lampião, dos cangaceiros e do Padre Cícero na narrativa gráfica de *Lampião em quadrinhos*. Essas representações quando expostas em uma sequência narrativa, por meio de imagens, proporcionam inúmeras possibilidades de análise tanto para os discentes quanto para o docente. Ao serem consideradas essas concepções, em especial a figura do cangaceiro, a consciência dos aspectos históricos presentes na obra permitirá compreender conceitos importantes para a História.

LAMPIÃO EM QUADRINHOS: USOS E POSSIBILIDADES

Adentrar as páginas da HQ *Lampião em quadrinhos* é, por certo, deparar-se com traços claro-escuro que Ruben Wanderley escolheu para representar o sertão nordestino, um desenho que mistura a arte sequencial clássica com a xilogravura nordestina. O autor registra em quase 150 páginas, lugares, cidades, situações cotidianas, representações, mudanças, injustiças, desigualdades e conflitos sociais e políticos. Trilha uma narrativa centrada em Virgulino Ferreira da Silva – Lampião dentro do contexto social do sertão. Ambienta a problemática cangaço e a jornada herói⁴⁶ em um espaço geográfico marcado pela ocorrência da seca.

⁴⁶ Joseph Campbell em *O herói de mil faces* observa que, em todas as histórias, existe um herói e que a narrativa gira em torno de suas peripécias. Campbell desenvolveu uma estrutura de eventos que demonstra que o herói passa por doze etapas. Nesse trabalho, não iremos analisar esses aspectos na HQ

Preocupado com a verossimilhança histórica de sua narrativa gráfica, Wanderley empreendeu uma pesquisa aparada em abundante bibliografia, que se encontra informada no final da HQ. Em sua narrativa, insere *Lampião em quadrinhos* no contexto historiográfico sobre o cangaço ao apresentar aspectos de piedade, bondade, e senso de justiça e a família Ferreira, presentes na bibliografia consultada. O autor enfatiza o referencial teórico ao enunciar que

Para realizar este trabalho, procurei esboçar um roteiro e escolhi a coletânea do Padre Frederico Bezerra Maciel – Lampião, seu tempo e seu reinado – não por ser o melhor de tantos bons livros escritos sobre o tema, mas, principalmente por ser o que melhor se adaptava ao que pretendia realizar em quadrinhos. Neste sentido, procurei condensá-los aos desenhos. Utilizei-me, também, de outros livros, como “Lampião, o Rei do Cangaço”, do escritor americano Billy Jaynes Chandler; “Capitão Lampião”, de Nertan Macedo; “Sila, uma Cangaceira de Lampião”, de Ilda Ribeiro e Israel Araújo; “Como dei cabo de Lampião”, do Capitão João Bezerra, com prefácio de Frederico Pernambucano de Melo. (FILHO, 1997)



Figura 3 - Nascimento / Rubem Wanderley

Com base em pesquisas bibliográficas e de campo, a maneira pela qual o autor apresentou suas personagens e as desenvolveu na narrativa gráfica contribui para revelar a preocupação com narrativa histórica. O enredo segue a cronologia dos fatos, prólogo com o nascimento (Figura 03) e epílogo com a

Lampião em quadrinho. Citamos a “Jornada do herói” por termos encontra da narrativa gráfica etapas desse modelo. Também, não é preocupação neste momento entrar na seara Lampião herói ou vilão.

morte de Lampião e seu bando. Entre esses dois fatos, há uma série de encontros e desencontros apresentadas na história de Lampião e na formação e atuação do cangaço.

Lampião em quadrinhos percorre um panorama muito vasto do contexto cultural do sertão nordestino e se projeta para além da problemática social, conduzindo a narrativa transitando entre coronelismo, política e religião; sertão, propriedade e miséria; cangaço, violência e banditismo⁴⁷ envolvendo as relações do homem com seu meio e seu tempo. Entretanto, essas relações são construídas a partir de interpretações românticas, fatalistas e deterministas acerca do tema.

Essa construção do cangaço está vinculada, ainda que implícito na HQ, à teoria do banditismo social (HOBSBAWN, 2015) e ao uso desse conceito para entender o fenômeno. Em *Bandidos*, Hobsbawn (2015) ver o fenômeno por intermédio do enfoque popular, aproximando a trajetória de Lampião a outros bandidos de diferentes partes do mundo e procurando compreender suas motivações dentro das relações econômicas e de poder, além do *Modus operandi*.

Nas montanhas e nas florestas, bando de homens violentos e armados, fora do alcance da lei e da autoridade (tradicionalmente, mulheres são raras), impõe suas vontades a suas vítimas, mediante extorsão, roubo e outros procedimentos. Assim, o banditismo desafia simultaneamente a ordem econômica, a social e a política, ao desafiar os que têm ou aspiram ter o poder, a lei e o controle dos recursos. Esse é o significado histórico do banditismo nas sociedades com divisões de classe e Estados. (HOBSBAWN, 2015, l. 219).

Decerto, o cangaço não podia existir fora das condições geográficas e das estruturas social e econômica. Epidêmico em épocas de grande pobreza ou de crises econômicas (HOBSBAWN, 2015), o banditismo - no nosso caso, o cangaço - manifesta-se na capacidade de controlar pessoas e recursos por meio da opressão por parte de figuras políticas ou

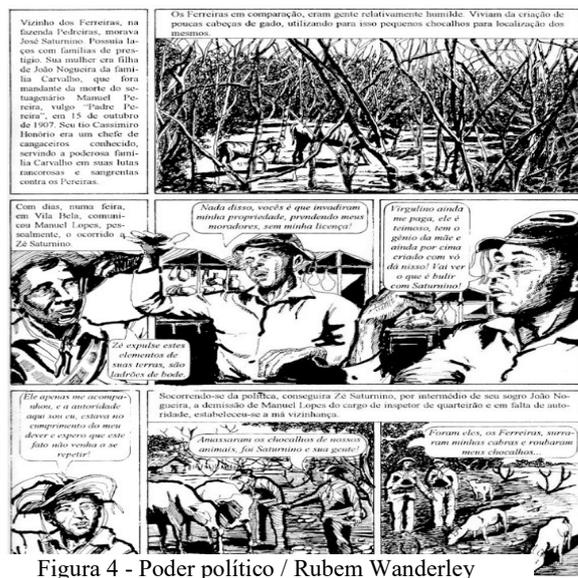


Figura 4 - Poder político / Rubem Wanderley

⁴⁷ Para a lei, quem quer que pertença a um grupo de homens que atacam e roubam com violência é um bandido, desde aqueles que se apoderam de dinheiro destinado a pagamento de empregados, numa esquina de cidade, até rebeldes ou guerrilheiros organizados que não sejam oficialmente reconhecidos como tal (HOBSBAWN, 2015, l. 466)

coronéis⁴⁸, em um explícito jogo de poder, e disputas entre famílias e/ou políticos locais (Figuras 04)

A partir do desdobramento desses eventos (Figuras 04), diversas problemáticas puderam ser estudadas e analisadas em sala de aula, especialmente, as disputas entre as famílias, os atos de vingança, as relações políticas e os motivos para entrada no cangaço. A identificação e compreensão desses vínculos e a correlação entre os fatores políticos e econômicos permitem interpretar o cangaço conforme o conceito de banditismo social de Eric Hobsbawm. Na prática, *Lampião em quadrinhos* estará exercendo função tanto de fonte histórica quanto de ferramenta didática.

Para Hobsbawm (2015, l. 480), os bandidos sociais “são proscritos rurais que o senhor ou Estado encaram como criminosos, mas continuam a fazer parte da sociedade camponesa”, dentro da sociedade seriam respeitados e benquistos. Em geral, a população os julgaram, segundo o autor, “heróis, campeões, vingadores, pessoas que lutam por justiça, talvez até mesmo vistos como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e sustentados” (HOBSBAWM, 2015, l. 480).

Assim, esses bandidos seriam distinguidos por seu compromisso para com as causas sociais, símbolo de resistência e protesto, uma vez que combatiam os inimigos dos camponeses: o coronel e o Estado. Por compartilhar a sina e os valores do povo, além da visão de mundo das comunidades que estão inseridos, recebiam apoio e proteção e eram vistos como “figura de protesto e rebelião social”.

Ainda em *Bandidos*, o historiador afirma que “os



Figura 5 - Corrigir injustiças / Rubem Wanderley

⁴⁸ Descendentes de membros da Guarda Nacional e ou de latifundiários.

bandidos corrigem os erros, desagravam as injustiças e, ao assim proceder, põem em prática um critério mais geral de relações justas e equitativas entre homens em geral”, e na singularidade da ação “entre os ricos e pobres, os fortes e fracos.” (HOBSBAWM, 2015, l. 635). No entanto, Hobsbawn pondera:

Trata-se de um objetivo modesto, que permite que os ricos continuem a explorar os pobres (mas não além daquilo que tradicionalmente se aceita como "justo"), que os fortes oprimam os fracos (mas dentro dos limites do aceitável, e tendo-se em mente seus deveres sociais e morais). Não exigem que não haja mais senhores, nem mesmo que os senhores não tomem as mulheres dos servos, mas apenas que, depois de fazê-lo, não fujam à obrigação de dar educação aos filhos bastardos. (HOBSBAWM, 2015, l. 635)

Em *Lampião em quadrinhos*, a relação entre fortes e fracos e o entendimento do cangaço como ação para corrigir injustiças (Figura 05) poderá representar e aproximar a narrativa de Wanderley a teoria de Hobsbawn. Em sala de aula, o contato com a HQ e o conceito possibilitarão a compreensão em torno da narrativa gráfica e das reflexões próprias da História. Para demarcar um ponto de partida para exercício didático: A trajetória de Virgulino Ferreira da Silva, exibido em *Lampião em quadrinhos*, apresenta narrativas para ilustrar a teoria Hobsbawn?⁴⁹

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Entendermos a História em Quadrinhos a partir de suas especificidades e particularidades, próprias das narrativas gráficas é, também, questioná-la como fonte. É removê-la do ambiente comum da ilustração dos fatos e do entretenimento e compreendê-la como fonte, objeto de estudo e ferramenta didática. Nesse sentido, as inúmeras possibilidades oferecidas pelas HQs permitem a construção de novos conhecimentos, especialmente quando problematizadas em sala de aula.

Nessa pesquisa, percebermos que as relações entre as problemáticas e as finalidades da HQ *Lampião em quadrinhos* interligam as estruturas entorno da produção e do contexto social, tecendo uma rede de representações e significados sobre o cangaço, especificamente, e de modo geral, sobre as primeiras décadas do século XX no nordeste brasileiro. Assim, essa pesquisa teve como premissa, justamente, a ideia de que as HQs, quando trabalhadas a partir de referências, conceitos e abordagens possibilitam novas e diferentes percepções do processo histórico.

⁴⁹ No desenvolvimento da análise tenho contato com as teses demonstradas por Luiz Bernardo Pericás que inovam na interpretação propriamente dita do cangaço.

Portanto, como resultado desse trabalho, consideramos imprescindível para as novas propostas de pesquisa, estudo e uso de HQs em sala de aula, as discussões dessas fontes como documento histórico e, de natureza igual, de ferramentas didáticas. Pois, se, em primeiro momento, os discentes são impelidos a compreender todo o entorno de produção da História em Quadrinhos e nas estruturas das narrativas gráficas, e em outro, eles são impelidos a produzir novos entendimentos a respeito da realidade que, a princípio, eram verdades e conceitos absolutos.

REFERÊNCIAS

FILHO, Ruben Wanderley. **Lampião em Quadrinhos**. Maceió/AL: s/ed., 1997.

HOBBSAWM, Eric. **Bandido**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. Arquivo Kindle.

RAMA, Ângela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004. – (Pensamento e ação no magistério).

VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de História. IN: RAMA, Ângela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014.